

## O MOSAICO DOS CAVALOS (Torre de Palma)

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

À memória de João da Costa Falcão,  
distinto, compreensivo e bondoso proprietário  
de Torre de Palma.

Em Março de 1947, quando Joaquim Inocêncio lavrava uma terra na herdade chamada Torre de Palma (concelho de Monforte do Alentejo), a aiveca do charrueco levantou um pedaço de mármore, trabalhado. Logo em seguida, aquele ganhão, que era curioso, não descansou enquanto não revolveu o local, na mira de encontrar qualquer outra coisa também possivelmente por ali enterrada: e assim apareceu um mosaico!

A notícia do achado, espalhada pela imprensa, chegou ao conhecimento do Prof. Manuel Heleno, então director do Museu Etnológico. Sem perda de tempo, o ilustre arqueólogo compareceu no local e ao mosaico incidentalmente revelado outros foram surgindo, acabando por serem vários postos a descoberto: atapetavam dependências de uma grande *villa* romana.

Por não ser de aconselhar a permanência ali de tão valiosas peças, sem protecção conveniente, foram contratados peritos italianos para virem levantá-las; depois procederam ao seu transporte e instalação naquele museu, hoje designado «Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia». Nestes trabalhos os técnicos foram acompanhados por

pessoal do museu que assim pôde adquirir o processo por eles usado, e foi depois coadjuvâ-los nos trabalhos semelhantes a realizar em Conímbriga.

Esta revista já publicou um estudo desenvolvido sobre os mosaicos de Torre de Palma (15), assinado pelo Prof. Manuel Heleno. Devemos no entanto acrescentar que já anteriormente Carlos de Azevedo, dadas as suas relações com a família do Sr. João da Costa Falcão, proprietário da herdade em causa, e o interesse que sempre votou aos assuntos relacionados com a arte, publicou em Londres (12) uma nota, profusamente ilustrada, sobre aquele tão valioso achado: parecia, portanto, que nada mais haveria a acrescentar a este caso de tanto interesse para a Arqueologia lusitano-romana.

Entretanto, dado o cargo que actualmente exercemos naquele museu acima referido, decidimos aceitar o honroso convite do C. N. R. S., de Paris, para tomarmos parte no II Colóquio Internacional sobre Mosaicos greco-romanos, desta vez a realizar em Vienne (França). Como ali iríamos encontrar especialistas de todos os territórios outrora incluídos no Império e até de outros lugares a ele estranhos, julgámos ser esta ocasião asada para provocar uma maior expansão dos Mosaicos de Torre de Palma, pois assim o merece o seu grande valor arqueológico e artístico.

Naturalmente, já nos havíamos debruçado frequentes vezes sobre este assunto; e assim, acabámos por verificar que mais alguma coisa, e com muita importância, poderia ser acrescentado ao que já fora dito. Por estes motivos, apresentámos em Vienne quase todos os mosaicos de Torre de Palma. Reservámos, no entanto, para a revista do Museu, estudos parcelares, mais desenvolvidos, sobre os mais notáveis de entre eles. Será este o primeiro e versará o chamado «Mosaico dos Cavalos», por ser, para nós, o de maior interesse.

Sabemos ter o cavalo estado presente, na vida peninsular, desde o Paleolítico; o facto é atestado por pinturas e insculpturas nas grutas e abrigos cantábricos e asturianos. Aliás, esse interesse já longínquo pelo cavalo também é largamente verificável no outro lado dos Pireneus; portanto, o cavalo fazia parte, desde há milénios, da vida dos peninsulares e dos seus vizinhos da Aquitânia.

Depois aparecem-nos, no Magdalenense, cabeças de cavalos com cabresto; no Mesolítico já se vêem domados e, no Neolítico, montados. Os freios, bem como as esporas, surgiram somente na Idade do Bronze. Nos campos de urnas, isto é, em plena Idade do Ferro, foram encontradas ferraduras; também por estes tempos aparecem as cabeçadas e os freios e, depois, selas com arções (séc. III a. C.). Por outro lado, dos estribos só há notícias concretas muito mais tarde, pois só teriam aparecido, no Ocidente, trazidos pelos Hunos nos meados do séc. V d. C.

Na Península, no norte e no centro, desde não se sabe quando, houve dois tipos de cavalos indígenas, selvagens: os chamados cavalos pequenos (como os do Sorraia) e os garranos do Norte. Ambos, depois de domados na Pré-história, mostraram ótimas qualidades para os trilhos das serras. Por outro lado, sabemos terem vindo à Ibéria povos do Oriente mediterrânico, pelo menos desde os primórdios da Idade dos Metais; vinham das regiões onde havia cavalos maiores que os nossos. Certamente esses cavalos não teriam chegado até aqui em épocas tão recuadas, pois as viagens da Ásia ou do Egeu para cá, faziam-se por mar, portanto em barcos, que só com dificuldade os transportariam de tão longe. Na Idade do Ferro, os Celtas, partidos da Europa Central, entraram naturalmente na Península por terra. Chegaram trilhando as passagens dos Pirenéus; ao longo do seu caminho ficaram campos de urnas cinerárias, onde apareceram ferraduras junto às cinzas dos seus mortos; e não são raros os freios. Por exemplo, na grande necrópole de Alcácer do Sal, foram encontrados freios e outros arreios, aros de rodas também em ferro, etc. Estes cavalos trazidos pelos Celtas eram grandes e adaptaram-se perfeitamente às pastagens das lezírias dos vales do Tejo e da Andaluzia: de uma maneira geral, às planícies do Sul da Península.

A eles teriam então vindo juntar-se cavalos importados mais tarde do Ocidente mediterrânico e do Norte de África, estes talvez também de origem oriental. Supõem, algum hipólogos, que com cruzamentos muito prováveis entre os cavalos indígenas e os de importação se teriam produzido os cavalos peninsulares.

Esta nova «raça» foi largamente apreciada desde muito cedo: provam-no as estatuetas e as próprias moedas ibéricas. Nestas, aparece representado, talvez desde os fins do séc. III a. C. ou de certeza nos princípios do séc. seguinte, com as características, forma e atitude do cavalo peninsular (4, pp. 44 e 45).

Este cavalo erigido em «raça», criou fama desde épocas recuadas. Foram as suas excelentes qualidades, apreciadas pelos Cartagineses; por isso eles os levaram para as guerras Púnicas na Sicília. Daqui seguiram para a Grécia, acompanhando Dionísios, que ali apareceu com eles para ajudar os seus aliados Lacedomónios, então em guerra. Recordemos o escrito por Plínio no séc. I d. C. (18) para explicar a velocidade com que corriam os cavalos dos arredores de Olisipo: isso não era para admirar, pois as éguas que os geravam haviam sido fecundadas pelo vento favónio, ou seja o zéfiro, que sopra do lado do mar e é tão nosso conhecido.

A pouco e pouco a raça peninsular, também chamada andaluza, viu-se espalhada por toda a Europa ocidental. O prestígio e expansão continuaram por toda a Idade Média e pela Moderna, enquanto a cavalaria ocupou lugar cimeiro nos exércitos e nos jogos. Depois ficou só o prestígio. E foi assim que Carlos VI da Áustria importou cavalos peninsulares em 1729 para criar, em Viena de Áustria, a tão famosa Escola Espanhola, ainda existente e de muito gratas recordações. No país vizinho procurou-se manter a tradição e, entre nós, D. João V fundou, em 1748, na bacia do Sorraia, perto de Torre de Palma, a coudelaria de Alter. Actualmente a coudelaria ainda existe; mas nos últimos tempos foram ali introduzidos garanhões e éguas de várias procedências. E, se as coisas continuam assim, naturalmente perder-se-á ao fim de dois mil anos de existência, uma «raça» de cavalos que tantas glórias conquistou! Oxalá o futuro não nos venha dar razão.

O mosaico dos cavalos de Torre de Palma, é um documento de grande valor para a história do Cavalo Peninsular, particularmente em Portugal. Como iremos mostrar, nele estão retratados cinco cavalos, dos quais quatro são representantes puros daquela «raça». Por outro lado, este tapete foi encontrado na sala principal, o *oecus*, da grande *villa rustica* lusitano-romana há anos escavada, como já disse-

mos. Estas duas circunstâncias, a imponência da grande vila e o lugar nela destinado ao mosaico dos cavalos são, por si, testemunhos evidentes do interesse que ali havia pela coudelaria.

O mosaico é de forma rectangular (Fig. 1) e as tesselas são coloridas; há nelas vários tons de branco, cinzento, verde, amarelo, encarnado e preto. Mede 4,265 m e 4,240 m em um e outro dos lados menores; e 5,03 m e 5,01 m em um e no outro dos lados maiores. As pequenas diferenças entre os lados paralelos talvez provenham de deslocamentos sofridas pelas tesselas durante o levantamento e a nova implantação do tapete, atrás referidos.

Uma faixa com 0,95 m de largura segue junto a um dos lados menores (o de cima); transforma, assim, o resto do tapete como que em um grande quadrado, com  $4,06 \times 4,25$  m. Está decorada por uma lista formada com ornatos geométricos, onde uma corda desenha cruces gamadas; o resto dos espaços foi preenchido por fitas formando como que secções de gregas. A meio desta larga faixa há um quadrado tendo uma corda por moldura; no centro mostra um losango com uma cruz inclusa. Não podemos deixar de anotar que a faixa em questão aparece amputada na parte superior, a toda a largura do tapete.

Por este pormenor se verifica que o pavimento a cobrir, era rectangular, como se vê (Fig. 1) e ao collocarem o mosaico dos cavalos, preencheram o espaço que ficava por revestir, com mosaico feito aproveitando os mesmos moldes usados para os espaços entre os emblemas. Para a parte central desta faixa aproveitaram as bandas em corda para formarem um quadrado; e, no centro, montaram um simples enxadrezado. Mas os moldes eram mais largos que a faixa a cobrir e não houve outro remédio senão amputá-la.

Abaixo desta faixa, na superfície quase quadrada acima referida, vêem-se cinco cavalos, cada um dentro de uma moldura, como se se tratasse de um quadro (emblema); medem, qualquer deles,  $0,70 \times 0,70$  m. As faixas das molduras são em tesselas, umas brancas, outras pretas.

Dentro de cada quadro lê-se, em cima, o nome do cavallo nele representado. Numerámo-los de 1 a 5 começando por cima e da esquerda para a direita. E, assim, lemos: Hiberus, Leneus, Lenobatis,

Pelops, Inacus. Os dois cavalos da esquerda e os dois da direita estão de perfil voltados para o centro. Cada cavalo tem um penacho na cabeça, como ainda hoje se usa nos cavalos de toureio. O cavalo do centro está a três quartos e exhibe a garupa direita. Este parece ser o mais importante dos cinco, pois além do penacho, tem cabeçada, duas rédeas, um colar largo, outro estreito de onde pende um objecto certamente decorativo ou de efeitos mágicos e um terceiro colar, este com guisos.

Por se tratar de um mosaico colorido: branco, preto, amarelo, vermelho, cinzento, verde, podemos ver que os três cavalos de cima são baixos, de um tom amarelado claro, enquanto os dois de baixo são mais escuros, mesmo avermelhados, como alazões. Os caracteres físicos de todos, menos os do Pelops, são idênticos; e é muito curioso serem os outros quatro representações exactas de Cavalos Peninsulares. Foi esta a opinião que amavelmente nos forneceu o esclarecido hipólogo Dr. Lahmeyer Bugalho. O Pelops é mais aligeirado que os outros; por isso se pode pensar ter algum sangue árabe. O tipo peninsular dos cavalos do mosaico está bem atestado pela cabeça grande, acarneirada, de perfil recto, testa larga, órbitas salientes e olhar expressivo; pelo pescoço, curto e largo, quase na vertical, curvo em cima para inserção da cabeça, o que lhe empresta o ar de pescoço de cisne; pelo tronco redondo e curto; pelos peitos, bem musculados e largos; pela garupa arredondada; e se a cauda não é farta, como é típico dos cavalos peninsulares, é no entanto de inserção baixa; os membros fortes, musculados e recolhidos por predominância dos flexores, completam o quadro. Nenhum dos cinco cavalos tem a crina solta; pelo contrário, a leitura dos mosaicos indica-nos terem sido entrançadas em todos; por isso não sabemos se é abundante e larga ou não.

Há outros pormenores curiosos: assim, dois dos cavalos, o Leneus e o Lenobatis, têm nomes que começam, ambos, pelas mesmas três letras; ora, segundo ainda hoje é costume, aos cavalos nascidos no mesmo ano e filhos do mesmo garanhão, dá-se-lhes nomes que começam pelas mesmas letras: neste caso LEN. Talvez daí venha a possível invenção daquelas palavras. Também devemos chamar a atenção para outra particularidade: os dois cavalos da direita, isto é, os n.ºs 2 e 5,

dada a sua posição, exibem a garupa esquerda; e nela mostram o ferro do lavrador. Ora, sucede, ser ainda hoje hábito, em Espanha, ferrarem os cavalos machos na garupa esquerda. É curioso ser entre nós a garupa direita a escolhida; porquê esta diferença? Talvez para, mais facilmente, em certas ocasiões, se poder verificar, com rapidez, a «nacionalidade» dos cavalos? Desconhecemos o motivo determinante deste pormenor. As éguas, em Espanha, são quase sempre marcadas à esquerda. É pena que no mosaico dos cavalos, de Torre de Palma, só estejam à vista duas garupas esquerdas.

Os respectivos ferros dão-nos, ainda, uma outra informação singular. Um deles, o n.º 2, representa uma palmeira (ou palma); o outro, o n.º 5, mostra um porco. Isto quer dizer que o primeiro pertencia à coudelaria de Torre de Palma e o outro à de uma propriedade vizinha, que pelo menos hoje está ligada a Torre de Palma, e é chamada a Herdade do Bácoro! É curiosa esta persistência dos topónimos durante, pelo menos, dezasseis séculos! Não esqueçamos ainda que *turris* podia significar a casa de uma propriedade agrícola ou herdade, e dela veio «torre».

Entre os nomes dos cavalos há pelo menos três que são curiosos: Hiberus, Pelops, Inacus. O primeiro indica a origem ibérica do seu portador; o segundo recorda a célebre corrida onde apareceram cavalos alados, ou então, o nome do suposto fundador dos jogos olímpicos. De Inachus (correntemente é esta a grafia) sabe-se ter sido um rio e também um rei da Argólida; não compreendemos o motivo que levou a denominar assim este cavalo. Quanto aos outros dois nomes têm-se aventado várias hipóteses, mas nenhuma parece válida e, por isso, acrescentamos mais uma, baseados no que atrás dissemos a propósito do costume de dar nomes aos cavalos filhos do mesmo garanhão e nascidos no mesmo ano, nomes começados pelas mesmas três letras: neste caso LEN.

Os quatro espaços quadrados deixados entre os cinco emblemas, apresentam-se preenchidos por ornatos geométricos, descrevendo em cada um uma cruz gamada, como também aparece na larga faixa superior acima assinalada.

É para sublinhar o facto da superfície livre das tesselas dos emblemas não desenhar, com os bordos, figuras geométricas regulares, ou melhor, quadrados; pelo contrário são irregulares em boa parte. A média das medidas tiradas em sete exemplares diferentes, é de  $5,5 \times 8,5$  mm; as tesselas dos ornatos exteriores aos emblemas são, também, até talvez mais irregulares e medem, em média,  $12,3 \times 12,4$  mm.

A técnica usada pelo musivário na aplicação das tesselas, mostra-nos que no fundo de cada emblema foi usado «opus tessellatum». Está disposto de maneira a formar, primeiro, e de baixo para cima, uma estreita fita branca, horizontal e a duas tesselas seguida, e sucessivamente, por três largas faixas, também horizontais e paralelas entre si. A inferior das três, é sempre mais escura, acastanhada, e representa o chão onde está o cavalo; leva marcadas as sombras dos membros do animal, como se a luz partisse do centro do mosaico. A faixa a seguir é mais clara e sobe até à altura da inserção da cauda do cavalo. A superior é branca.

Nos contornos das figuras dos animais e para darem volume ao ventre e ao peito dos cavalos, as tesselas estão em «vermiculatum» com uma, duas ou mais filas paralelas.

O Prof. G. Becatti, de Roma, informou-nos amavelmente ter aparecido em Itália um mosaico do tipo deste de Torre de Palma; a maior diferença estaria em ter quatro cavalos e não cinco. Não temos ainda outros pormenores sobre a sua exacta composição que muito desejaríamos conhecer.

O mosaico de Torre de Palma garante-nos, pelo que dissemos, ter existido ali uma importante coudelaria, bem como outra na vizinha Herdade do Bâcoro, embora pertencentes ao mesmo proprietário ou sociedade agrícola. Ambas teriam produzido estes notáveis cavalos de corridas que mereceram ser retratados, para a posteridade também deles falar. Mas porque teriam sido criados cavalos de corrida no Alentejo? Teria existido por ali algum circo onde se experimentariam os animais, uma espécie de «tenta» para depois, atendendo aos bons resultados das provas, serem ferrados e classificados como corredores para se exibirem nos circos, designadamente nas corridas de bigas ou

quadrigas? Ou então estes cinco cavalos haveriam sido enviados para Roma, como tantos outros da Península e ali, pelas suas excelentes proezas teriam sido retratados? Nesta última hipótese, nada custa a crer que os emblemas feitos na Urbe, fossem trazidos para a Lusitânia onde um musivário, dos vários que por cá deve ter havido, os teria colocado e depois preenchido os espaços deixados livres.

Não devemos pensar somente, como é que este mosaico apareceu em Torre de Palma, mas sim, além deste, todos os outros da citada *villa*, aliás de diferentes motivos e técnicas musivárias. O facto deve estar em relação com a prosperidade da exploração agrícola.

O mosaico das Musas, por exemplo, um dos vários ali recolhidos, mostra-nos dez emblemas, esses certamente importados de Roma ou do Norte de África, ou mesmo de um centro importante da Península. Cá os teriam colocado e ajeitado no grande salão onde há anos reapareceram; ali foram preenchidos os espaços deixados livres com decoração geométrica apropriada. A técnica usada nos emblemas do mosaico das Musas é mais perfeita; os fundos são em escama, feitos com tesselas muito pequenas; mas este assunto dos outros mosaicos de Torre de Palma ficará para ser tratado mais tarde, com o estudo global da invulgar estação lusitano-romana.

Os cavalos de Torre de Palma, além da prosápia com que se nos apresentam, têm penacho na cabeça. E têm porque eram preparados para entrarem em corridas: bigas, quadrigas, etc. Foi posta a hipótese por um eminente hipólogo (11 - p. 693) destes cavalos terem penacho por terem sido premiados em corridas. Nós supomos que talvez ainda não tivessem chegado a tanto. Eram filhos de bons reprodutores, e haviam sido educados, treinados e alimentados para correrem bem e poderem assim entrar em competições com o fim de valorizarem o ferro que ostentavam na garupa. Para tal deveria haver na herdade um campo próprio, como se de circo se tratasse; e terras para esse fim não faltam por lá. Dados os cavalos como prontos, com boas provas, eram empenachados antes de tomarem lugar nas corridas do circo.

Talvez pudessem ter corrido, precisamente, em algum circo peninsular antes de irem para Roma, como por exemplo em Mérida; e

porque não em Miróbriga (Fig. 7) nas festas a Esculápio? Circos não faltavam na Península; eram os de Barcelona, Gerona, Calahorra, Tarragona, Sagunto, Itálica, Toledo.

E a propósito de circos recordemos o que sobre eles escreveu Santo Izidoro nas «Etimologias» (16), onde conta os jogos que lá se faziam, a explicação sobre o significado das cores dos cavalos acomodados aos elementos, isto é, os castanhos seriam dedicados ao Sol, como também o eram as quadrigas; os cavalos brancos estavam consagrados ao ar, etc. Por outro lado, dizia o bom santo-arcebispo: «nos circos prestava-se culto não ao verdadeiro Deus, mas aos vencedores das corridas, homens e cavalos»! Por esta amostra se pode calcular o prestígio que gozou, em Roma, o lusitano que ali foi o maior corredor de todos os tempos: Gaio Apuleio Diocles. Sabemos das suas façanhas porque, felizmente, foram encontradas e copiadas duas inscrições que se referem ao nosso *ídolo das multidões*. Uma, a de maior interesse dada a extensão do seu leteiro para poder certificar todos os feitos de Diocles, é a CIL, VI, 10048. Foi recolhida na Urbe, perto do lugar onde se erguia o circo de Nero, de que o Vaticano fica perto: por isso lhe herdou o obelisco e o colocou a meio da Praça de S. Pedro. A outra inscrição apareceu na vizinha Praeneste, hoje Palestrina, e vem também no Corpus (CIL, XIV, 2884). Dos dois monumentos se infere que foram 1962 as vitórias ganhas pelo valoroso lusitano e em circunstâncias várias; foram tantas que o tornaram *omnium agitatorum eminentissimus*.

O ilustre epigrafista Doutor Justino Mendes de Almeida, em um trabalho erudito sobre o nome do nosso herói (17), emite a hipótese de Diocles ser um cognome grego, pois significa «dominador de cavalos» e, como tal, teria sido apostado a Gaio Apuleio. Ainda acrescenta dever pronunciar-se em português Díocles e não Diocles, dada a origem grega do nome.

Por tudo o que relatamos se verifica o gosto que houve na Lusitânia pelo desporto hípico e ser portanto natural a criação de cavalos de raça na Lusitânia, bem como o ter nascido por cá o maior auriga de todos os tempos.

Para a classificação da qualidade das pedras empregadas na preparação das tesselas pedimos ao Dr. António Carvalhosa, dos Serviços Geológicos, o favor que muito agradecemos de nos dar a sua opinião. E assim, ficámos a saber terem sido quase todas as tesselas feitas com quartzos da região de Monforte do Alentejo, onde se encontra Torre de Palma: por ali aparece o quartzo negro (lidito), o acinzentado (cherte), o encarnado com mais ou menos óxidos de ferro (v. g. o jaspoide), o amarelo, o branco, o opalino. A gama de tons esverdeados é dada por ftanitos, que se encontram não muito longe, na Serra de Portalegre.

Fica assim demonstrado mais um ponto de muito interesse para o estudo do mosaico dos cavalos. No entanto, é certo que todas aquelas pedras coloridas podiam ter sido importadas doutras regiões, mesmo situadas a grandes distâncias; mas isso seria uma coincidência muito pouco provável. Portanto temos toda a probabilidade de não errar se garantirmos que o mosaico foi integralmente feito em Torre de Palma com materiais desta área.

#### CONCLUSÃO

O mosaico em causa, mostra cinco cavalos como motivo principal; cada cavalo está representado num emblema privativo.

Os cinco cavalos existiram, pois trata-se de retratos. Sabe-se-lhes a «raça» (quatro Cavalos Peninsulares e outro arabisado), a cor, o nome, o trabalho que lhes era destinado, bem como as coudelarias que os produziram.

Os emblemas ocupam áreas muito menores do que os motivos decorativos, geométricos, que os envolvem.

Para o preenchimento da parte do pavimento para a qual não chegava o tapete com os emblemas e seus contornos projectados antecipadamente, foi acrescentada uma faixa ao mosaico; pelo mesmo motivo, mas em sentido inverso, esta faixa também em mosaico, ficara larga de mais: foi por isso, pura e simplesmente cortada pelo musivário.

As tesselas, a maioria em *tesselatum*, outras em *vermiculatum* são de menores dimensões nos emblemas do que nos ornatos que os envolvem.

O estudo geológico da região revelou que todas as seis cores e respectivas tonalidades usadas no mosaico, tanto nos emblemas como nos motivos geométricos que os cercam, se encontram nas rochas da área onde foi encontrado o mosaico.

Daqui concluímos que o proprietário da *villa rustica* de Torre de Palma encomendou um mosaico com a representação de cinco dos seus melhores cavalos. O musivário encarregado da obra preparou as tesselas e montou o mosaico na própria *villa*.

Pelos motivos exibidos e pela técnica adoptada, o trabalho deve ter sido executado nos fins do séc. III, talvez mesmo nos princípios do séc. IV d. C.

\*

\* \* \*

Não queremos deixar de manifestar à Ilustre Família Costa Falcão, bem como ao Sr. Mariano Costa Pinto, os nossos agradecimentos pelas facilidades que nos têm concedido, e da melhor boa vontade, para o bom andamento dos trabalhos arqueológicos.

#### RÉSUMÉ

Pendant des travaux agricoles dans la région centrale du Portugal on a trouvé des mosaïques romaines; les fouilles archéologiques qui se suivirent on montra qu'il l'agissait d'une grande *villa* lusitano-romaine. Il y avait des différents tapis de mosaïque dont l'A. décrit un nommé, d'après le sujet, la «mosaïque des chevaux». Elle montre cinq chevaux, chacun dans un emblème qui porte, aussi, le nom du cheval. D'après les caractères physiques des animaux on voit qu'il y a quatre du type nommé «Peninsulaire» ou «Andalou»; le cinquième est déjà un peu arabisé. Parmi les premiers il y a deux qui portent, dans la croupe gauche, le fer du harras respectif; un d'entre eux c'est une palme, l'autre la figure d'un cochon. Il est curieux d'ajouter que le domaine où on a trouvé la *villa* s'appelle, encore aujourd'hui, «Torre de Palma»; d'autre, qui est à cotê et que lui appartient, c'est la «Herdade» du *Cochon*. La mosaïque se trouve, à présent, dans le «Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia», à Lisbonne.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 — D. Fernando de Almeida, «Nota sobre os restos do circo romano de Miróbriga dos Célticos», *Rev. de Guimarães*, LXXIII, Guimarães, 1963, pp. 147-154.
- 2 — Idem, «Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)», *ed. da Junta Distrital de Setúbal*, Setúbal, 1964, vol. 92, p. 17, fig. 1, XXVII Est.
- 3 — Idem, «O santuário romano, campestre, de Miróbriga dos Célticos», *Rev. de Guimarães*, LXXVIII, Guimarães, 1968, pp. 92-97.
- 4 — Ruy de Andrade, «Primeiras relações dos Gregos Cartagineses e Romanos com as populações ibéricas», *Trab. da Associação dos Arq. Port.*, III, Lisboa, 1937, pp. 29-45 e XII tábuas.
- 5 — Idem, «Garranos - *Bidets*», *Bol. Pecuário*, n.º 2, Lisboa, 1938, pp. 281-334.
- 6 — Idem, «O cavalo andaluz de perfil recto e tipo oriental», *Bol. Pecuário*, n.º 4, 1939, pp. 379-406.
- 7 — Idem «O cavalo andaluz de perfil convexo», *sep. do Boletim Pecuário*, VIII, n.º 1, Lisboa, 1941, pp. 3-34.
- 8 — Idem, «O cavalo do Sorraia», *sep. do Boletim Pecuário*, XIII, n.º 3, Lisboa, 1945, p. 11.
- 9 — Idem e Joaquim Tiago Ferreira, «Elementos para a história da coudelaria de Alter», *sep. do Boletim Pecuário*, XV, n.º 1, Lisboa, 1947, pp. 1-629.
- 10 — Idem, idem, «Elementos para a história da coudelaria de Alter», *sep. do Boletim Pecuário*, XVII, n.º 1, Lisboa, 1949, pp. 3-408.
- 11 — Ruy de Andrade, «Alredor del caballo español», *Colección de Estudios*, Lisboa, 1954, pp. 673-675-686-693-731.
- 12 — Carlos de Azevedo, «A portuguese roman villa-farm of the 3rd century rich in mosaics», *The Illustrated London News*, 24, Dez.º 1955, pp. 1101-1103.
- 13 — J. Caro Baroja, «Epigrafia e Numismática», in *História de España* de R. Menendez Pidal, I, 3.º, Madrid, 1954, pp. 705-706.
- 14 — A. García y Bellido, «Diocles, el As de los circos romanos», *Nummus*, I, n.º 2, Porto, 1953, pp. 81-91.
- 15 — Manuel Heleno, «A villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte)», *O Arq. Português*, Nova Série, IV, Lisboa, 1962, pp. 313-338, Est. 38.
- 16 — Santo Isidoro, «Etimologias», Liv. XII, cap. I, 48, Liv. XVIII, cap. XXVII, cap. XXXV e cap. XLI.
- 17 — Justino Mendes de Almeida, «Nótulas de epigrafia latina», *Rev. de Guimarães*, LXXVI, n.º 3/4, Guimarães, 1967, pp. 320-322.
- 18 — Plínio, N. H., IV-116
- 19 — A. J. Sardinha de Oliveira «A villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte)», *Lavoura Portuguesa*, 3-4, Lisboa, 1967, pp. 10-16.



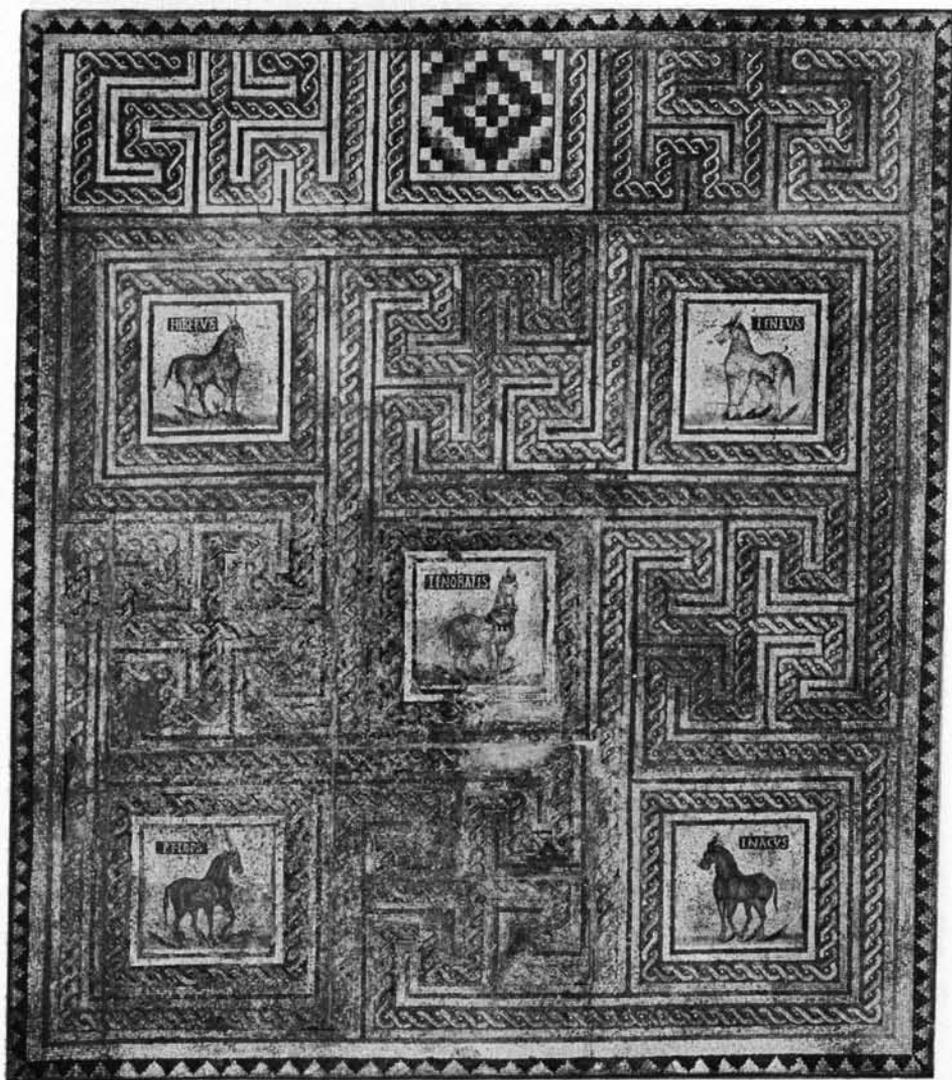


Fig. 1 — Mosaico dos Cavalos de Torre de Palma (Fot. M. Novais)

D. FERNANDO DE ALMEIDA — *O Mosaico dos Cavalos (Torre de Palma)*



Fig. 2 — Cavalo n.º 1 — Hiberus (Fot. M. Novais)



Fig. 3 — Cavalo n.º 2 — Leneus, Notar a palma, como ferro, na garupa. (Fot. M. Novais)

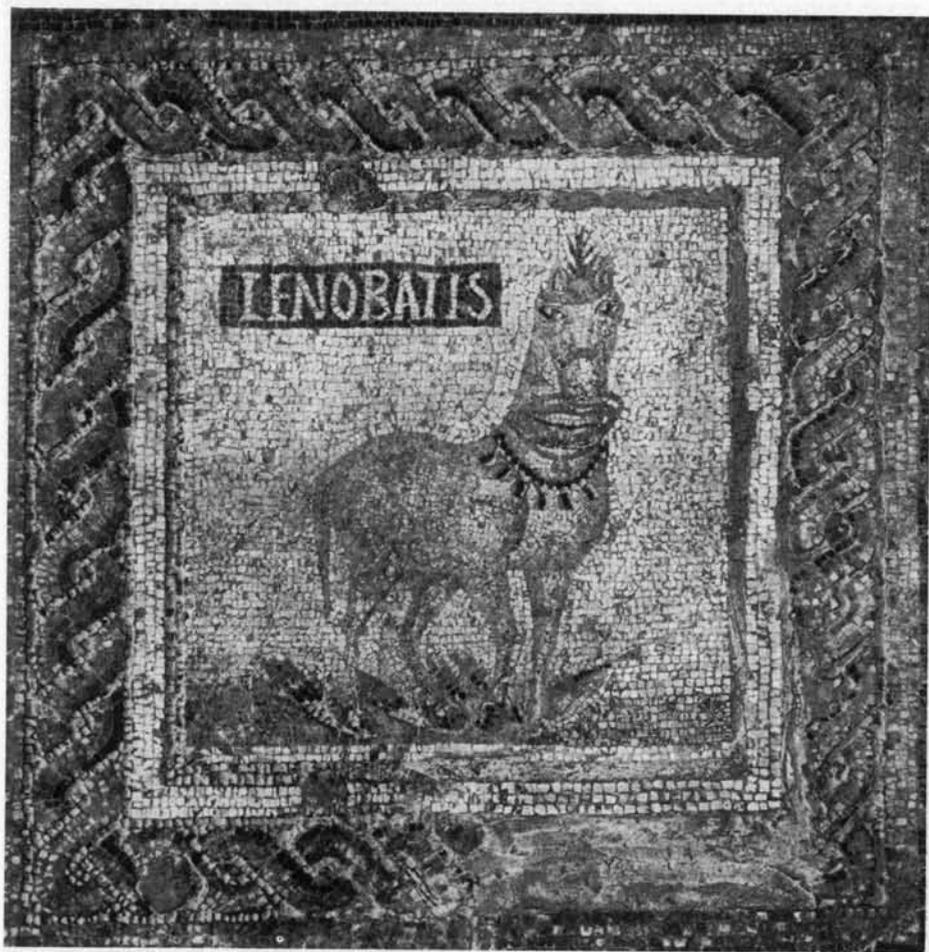


Fig. 4 — Cavalo n.º 3 — Lenobatis (Fot. M. Novais)



Fig. 5 — Cavalo n.º 4 — Pelops (Fot. M. Novais)



Fig. 6 — Cavalo n.º 5 — Inacus. Leva um porco como ferro, na garupa. (Fot. M. Novais)



Fig. 7 — Circo de Miróbriga dos Célticos, Santiago do Cacém (Fot. do A.)